

O megalitismo da bacia do Alva: primeira contribuição para um modelo socioeconómico *

João Carlos de Senna-Martinez **

Ana Maria Dias Luz

Resumo

Durante os trabalhos que antecederam a preparação da monografia sobre o Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil, os autores encontraram testemunhos apontando para um modelo socioeconómico referente às populações responsáveis pela sua construção.

A análise dos espólios dos depósitos rituais, em redor da sepultura principal, e a sua riqueza, levantou dificuldades de interpretação principalmente por pertencerem a uma única tumulação, pelo menos na sua maioria.

O estudo dos objectos de pedra polida provou que, além de machados e enxós, havia um outro grupo de objectos ou seja, as cunhas, provavelmente utilizadas na mineração dos xistos auríferos, como o testemunha o facto de se terem encontrado artefactos do mesmo tipo numa antiga mina a alguns quilómetros da sepultura.

Justificada assim a riqueza do espólio encontrado na sepultura do “chefe local”, que além de dispor do *normal* poder económico do Calcolítico (caça, pesca, recollecção vegetal, horticultura, agricultura) controlava o acesso e a exploração de significativos recursos minerais como o ouro e eventualmente o estanho.

Résumé

Pendant les travaux préparatoires de la publication concernant le Dolmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil, les auteurs se sont trouvés en présence de donnés pointant vers une interprétation socio-économique des populations responsables par sa construction.

L'analyse des matériaux des dépôts rituels et leur richesse présentaient des

* Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980.

** Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, Cidade Universitária, Campo Grande, 1699 Lisboa Codex.

problèmes surtout si on prenait en attention le fait qu'ils appartenaient à une seule tumulation, au moins dans sa majorité.

L'étude des instruments de pierre polie a prouvé qu'en outre la présence des lames de haches et de herminettes on trouvait un autre groupe d'instruments, des coins, utilisés probablement dans la minération, dans les schistes aurifères, comme le témoigne la trouvaille d'implements en tout semblables, dans une ancienne mine à quelques kilomètres de la tombe. Ainsi se trouvait justifiée la richesse des matériaux de la tombe du "chef" local qui en plus de ressources économiques normales au Chalcolithique (chasse, pêche, récolte végétale, horticulture, élevage, etc.) contrôlait l'accès et l'exploitation de ressources minérales importantes comme l'or d'alluvion et les minéraux d'étain.

Summary

When studying, for publication, the collection of materials from the Dolmen n.º 1 of Moinhos de Vento, Arganil, the authors have found evidence pointing to a socio-economic model of the population who built it.

The analysis of the rich materials from the ritual caches surrounding the main tomb offered some difficulties of interpretation specially because they belonged, at least the majority of them, to a single burial.

The study of the polished stone artifacts offered an interpretative hypothesis as, besides axes and hadzes, they proved to include another cluster of pieces, wedges, probably used for extracting gold from auriferous schists as suggested by some other artifacts of the same type found in a nearby ancient mine 8 kms south of the tomb.

The wealth of the "local chieftain's" tomb offerings is then justified as besides the "normal" copper age local economic resources (such as hunting, fishing, vegetable recollection, herding, horticulture, etc.) he controled the access and exploitation of important mineral resources in gold and probably tin.

1. Introdução

Preocupação decorrente dos caminhos apontados pela *New Archaeology* de inspiração anglo-saxónica, inserida no âmbito da perspetivação sistémica da cultura ¹, a construção de modelos ² explicativos da origem e funcionamento dos sistemas socioculturais constitui uma aproximação metodológica que, com habituais desfasamentos, começa a surgir na arqueologia ibérica ³.

A partir dos trabalhos preparatórios da publicação da monografia respeitante ao Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil ⁴, seleccionaram os autores alguns dados que, no seu entender, abrem caminho para uma possível compreensão do monumento no contexto do grupo social responsável pela sua construção. Destes e de alguns elementos registados no decorrer da primeira fase da prospecção arqueológica das bacias dos rios Alva e Ceira, partimos para a presente contribuição que mais não pretende ser que uma primeira achega para o esclarecimento de que pensamos ser a questão fundamental, seja no geral da prática arqueológica seja no particular que ora nos importa: Quem foram e como se articulavam socioculturalmente os construtores do monumento estudado?

Queremos concluir esta introdução deixando claramente expressa a nossa gratidão e respeito ao Senhor Professor Doutor João de Castro Nunes, a quem devemos, para além do acesso aos materiais em estudo, o conselho permanente

¹ WATSON, P. J., et al., *El Método Científico en Arqueología*, Alianza Editorial, Madrid, 1974, pp. 79-103.

² Segundo CLARKE, D. L., *Analytical Archaeology*, Methuen, London, 1978, p. 31.

³ MARTÍN SOCAS, D., *Aproximación a la Economía de la Mitad Meridional de la Península Ibérica durante el Eneolítico*, "Zephyrus", 28-29, 1978, pp. 163-190; PINTO, C. V.; PARREIRA, R., *Acerca do Conceito de Colónia no Calcolítico da Estremadura*, "Trabalhos do G.E.A.P.", 3, 1979, pp. 135-145.

⁴ CASTRO NUNES, J. et al., *O Dolmen n.º 1 dos Moinhos de Vento*, Arganil, Assembleia Distrital, Coimbra (em prep.).

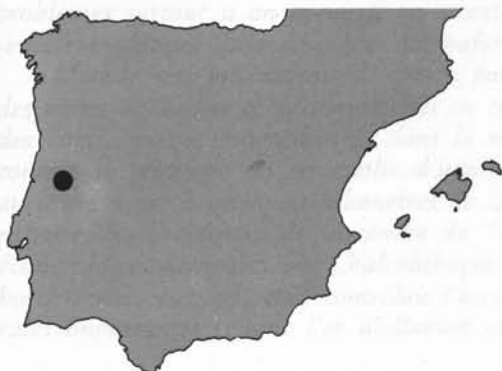


Fig. 1 — Localização da área da fig. 2 na península Ibérica.

e amigo apoio com que nunca nos tem faltado. As lacunas e erros que as linhas que se seguem eventualmente contenham são, obviamente, de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores.

2. O Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento, Arganil: situação e enquadramento regional

O monumento em questão situa-se no topo da encosta sudeste da Lomba do Canho, uma elevação com a cota máxima absoluta de 214 m, encaixada num meandro da margem sul do rio Alva, a 2 quilómetros em linha recta da Vila de Arganil (58.1/445.5 UTM, fl. 20 da Carta de Portugal, 1:100 000). A sua descoberta e escavação foram já objecto de publicação preliminar⁵, estando em preparação a publicação da respectiva monografia.

O curso médio do Alva corre encaixado entre vertentes que frequentemente se elevam mais de cem metros sobre o leito do rio. Aí só as baixas ribeirinhas de pouca largura oferecem terrenos férteis e agricultáveis, estas alargam-se na confluência das ribeiras de Arganil e de Coja, respectivamente a jusante e a montante da Lomba do Canho. As encostas e cabeços que circundam o rio são fundamentalmente ocupadas por pinhal que substitui a antiga mata de que restam poucas manchas. O subsolo é constituído pelo complexo xisto-grauvácico das Beiras de que afloram frequentes formações, noutros locais escassamente cobertas por um palmo de terra argilosa.

Do actual conhecimento do panorama arqueológico regional, salientamos o acampamento romano da Lomba do Canho (fig. 2, 1), situado a menos de oitocentos metros do dólmen, a mina da Eira de Mouros⁶, as gravuras rupes- tres da Pedra Letreira⁷ e da Pedra Riscada⁸, situadas a respectivamente 8, 18 e

⁵ CASTRO NUNES, J., *Introdução ao Estudo da Cultura Megalítica no Curso Inferior do Alva*, Universidade de Luanda, Sá da Bandeira, 1974.

⁶ CASTRO NUNES, J., *Um machado plano, metálico, de tradição eneolítica*, "Arquivo Histórico de Góis", 2, 1958, pp. 11-15.

⁷ CASTRO NUNES, J., et al., *A Pedra Letreira*, "Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis", 1, 1959.

⁸ CASTRO NUNES, J. & PEREIRA, A. N., *A Pedra Riscada*, Sá da Bandeira, Ed. do Autor, 1974.

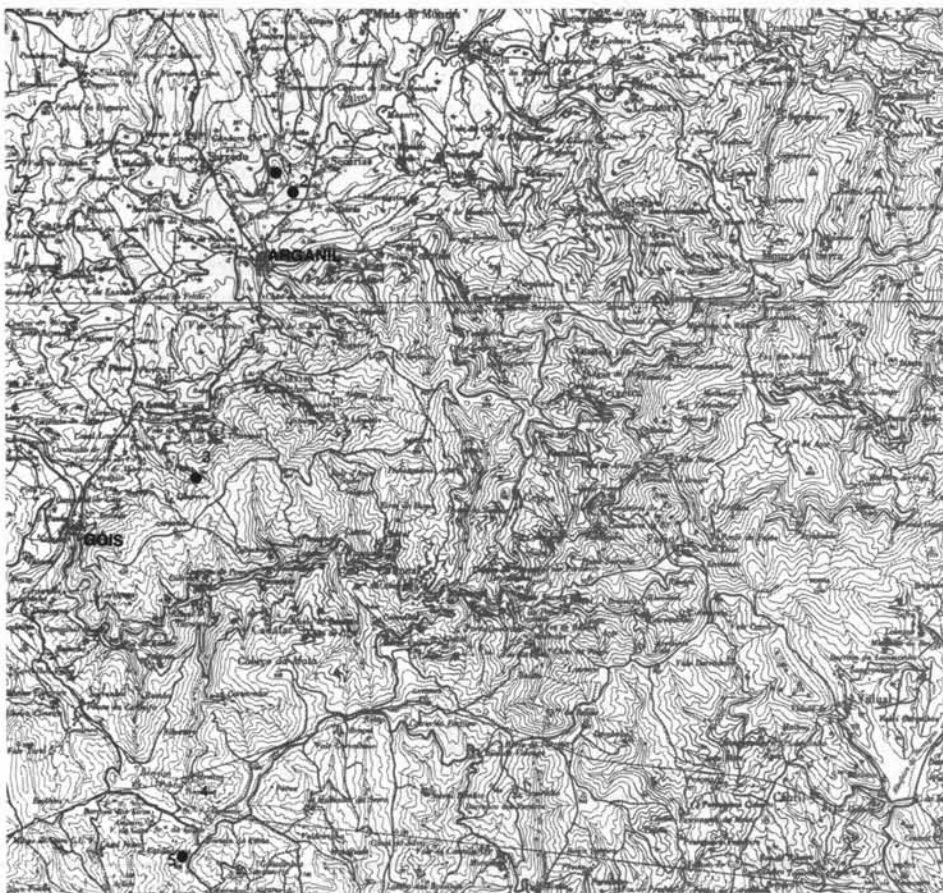


Fig. 2 — Principais localidades com interesse arqueológico da região de Arganil: 1 - Acampamento Romano da Lomba do Canho; 2 — Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento; 3 — Mina da Eira dos Mouros (Liboreiro); 4 - Pedra Riscada; 5 - Pedra Letreira. Esc. 1:200 000.

16 quilómetros do monumento em causa (fig. 2, 3-5), bem como as antigas explorações mineiras dos terraços do Alva⁹ cujas duas principais manchas (Sarzedo e Pousadores) enquadram a ocidente e a oriente a Lomba do Canho.

3. Alguns aspectos dos materiais do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento

Dos dados já disponíveis e para além da olaria, já objecto de outra comunicação¹⁰, salientemos, porque directamente se ligam ao tema aqui em questão, os fornecidos pelos objectos de pedra polida.

⁹ ALMEIDA, G., *Indícios de Exploração Mineira Antiga nos Terraços do Baixo Alva*, Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980.

¹⁰ SENNA-MARTINEZ, J. C., *Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras*, Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980. Editada em: *Trabalhos do Museu Regional de Arqueologia (Arganil)*, n.º 1, 1981.

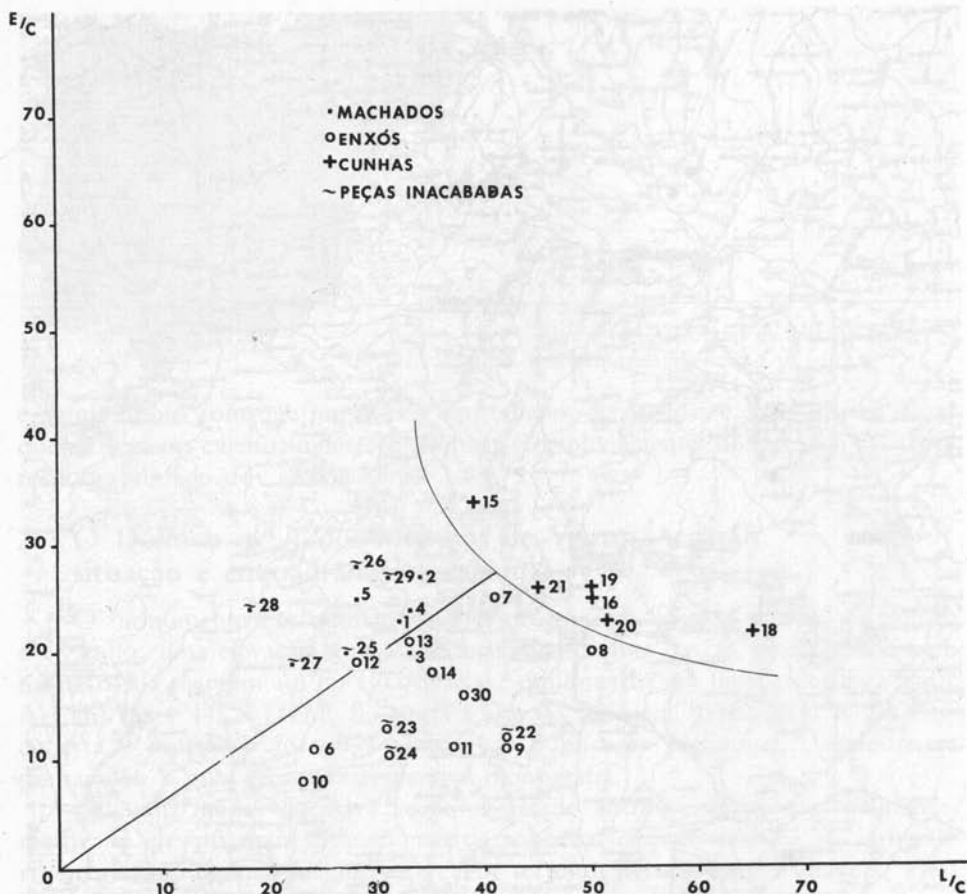


Fig. 3 — Combinação dos índices de alongamento (L/C) e robustez (E/C) dos artefactos de pedra polida do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento.

A amostra em estudo engloba 30 exemplares (quadro II) dos quais 25 recolhidos em contexto primário, provindo os restantes do leito do caminho que seccionou perifericamente a mamoa¹¹ ou da respectiva berma.

Estabelecida a matriz de dados (quadro II), verificámos que, no que respeita aos índices de alongamento, $Ia = \frac{\text{Largura}}{\text{Comp.}} \times 100$, e de robustez $Ir = \frac{\text{Espessura}}{\text{Comp.}} \times 100$, a sua combinação em gráfico cartesiano resulta em três

¹¹ CASTRO NUNES, J., *Introdução ao Estudo da Cultura Megalítica no Curso Inferior do Alva*, Universidade de Luanda, Cursos de Letras, Sá da Bandeira, 1974, pp. 10-11.

agrupamentos correspondentes a três tipos ¹², machados, enxós e cunhas (fig. 3). Este último conjunto de artefactos constituído por exemplares curtos, $l_a > 40$, e robustos, $l_r > 20$, com o talão mutilado, plano e conservando evidentes traços de pancadas, verificáveis ainda pelas fracturas longitudinais delas resultantes (fig. 6) as quais podem igualmente ocorrer a partir do gume.

Os artefactos recolhidos em contexto primário compreendem 5 machados, 7 enxós e 5 cunhas, além dos 5 machados e 3 enxós inacabados provenientes do depósito votivo da base da muralha periférica no sector NWa ¹³. A atribuição tipológica destes últimos foi feita considerando os dois índices citados e tendo em conta que, não obstante o seu estado inacabado, o formato do bloco de matéria prima condicionaria muito provavelmente o produto acabado.

O quadro seguinte resume a distribuição dos artefactos de pedra polida por contextos de jazida e por tipos:

QUADRO I

Sector	Machados	Enxós	Cunhas	Totais
SEb	—	1	—	1
SEc	2	1	1	4
NEa	—	5	2	7
NEb	1	—	1	2
NEc	1+1 part.	—	—	2
NWa	5 ñ/pol.	3 ñ/pol.	—	8 ñ/pol.
NWb	1	—	—	1
Caminho	—	1	1	2
Berma	—	2	1	3
Totais	11 (37%)	13 (43%)	6 (20%)	30

No contexto da interpretação habitual dos artefactos de pedra polida ¹⁴, as cunhas foram inicialmente consideradas, do ponto de vista funcional, em termos do trabalho de madeira. Esta interpretação foi porém modificada ao termos conhecimento de que, entre os artefactos recolhidos nas antigas minas da Eira dos Mouros, situadas a cerca de 8 quilómetros, em linha recta, dos Moinhos de Vento, se contavam 1 machado plano de cobre ¹⁵ e várias cunhas

¹² DORAN, J. E. & HODSON, F. R., *Mathematics and Computers in Archaeology*, Edinburgh University Press, Edinburgh, 1975, pp. 170 e sgs.

¹³ CASTRO NUNES, J., *op. cit.* (v. nota 11), pp. 26-28.

¹⁴ COLES, J., *Arqueologia Experimental*, Bertrand, Lisboa, 1977, pp. 20-23.

¹⁵ CASTRO NUNES, J., *op. cit.* (v. nota 6).

QUADRO II — Matriz de dados referentes à análise dos materiais de pedra polida do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento

Número de série	Material	Cor	Conservação	Flancos	BORDOS			GUME	
					Forma	Direcção	Perfil	Linha	Plano
3001	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Convexos	Cvg talão	d-cx-S	cx-S	Direito
3002	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Sinuosos	Cvg talão	d-cx-S	cx-S	Direito
3003	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Convexos	Cvg talão	d-cx-S	cx-S	Direito
3004	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Convexos	Cvg talão	d-cx-S	cx-S	Direito
3005	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Sinuosos	Cvg talão	d-cx-aS	cx-aS	Direito
3006	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Cvg talão	d-cx-S	cx-S	Direito
3007	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Triangular	Rectilíneos	Cvg talão	d-cx-aS	cx-S	Direito
3008	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Sinuosos	Cvg talão	d-cx-aS	cx-S	Direito
3009	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Paralelos	d-cx-aS	cx-aS	Direito
3010	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Convexos	Cvg talão	d-cx-aS	cx-S	Direito
3011	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Sinuosos	Cvg talão	d-cx-aS	cx-S	Direito
3012	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Paralelos	d-cx-S	cx-S	Direito
3013	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Sinuosos	Cvg talão	d-cx-S	cx-aS	Direito
3014	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Cvg talão	d-cx-S	cx-aS	Direito
3030	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Convexos	Cvg talão	d-cx-S	cx-S	Direito
3015	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Paralelos	d-cx-S	cx-S	Direito
3016	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Convexos	Cvg gume	d-cx-S	cx-S	Direito
3017	Anfibolite	CZ-evd	Partido (só ponta)						
3018	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Convexos	Paralelos	d-cx-S	cx-S	Direito
3019	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Cvg gume	d-cx-aS	cx-aS	Curvo
3020	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Cvg gume	d-cx-S	cx-S	Direito
3021	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular	Rectilíneos	Cvg talão	d-cx-S	cx-S	Direito
3022	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular					
3023	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular					
3024	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular					
3025	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular					
3026	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular					
3027	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Triangular					
3028	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Rectangular					
3029	Anfibolite	CZ-evd	Completo	Triangular					

Talão	Medidas (cm)			Índices		Peso (g)	Localização
	C	L	E	l/c	e/c		
Mutilado	21,5	6,8	5	32	23	1.225	NE C1 - cp 5
Mutilado	14,7	5	4	34	27	500	Ne b
Mutilado	12,2	4	2,5	33	20	200	SE c - cp 9
Ombreado (obl-d-aS)	15,0	4,9	3,6	33	24	425	SE c - cp 3-1
Aguçado (c/ chanfrad.)	18,0	5	4,5	28	25	625	NWb cp 6
Redondo	12,6	3	1,4	24	11	75	SEb - cp 5
Redondo	12,0	4,9	3	41	25	260	NEa - cp 2
Mutilado	13,3	6,6	2,6	50	20	400	NEa - cp 3
Mutilado	14,2	6	1,6	42	11	700	NEa - cp 4
Aguçado	32,7	7,6	2,7	23	8	1.375	NEa - cp 7
Ombreado	16,3	6	1,8	37	11	300	NEa - Caminho 4
Quebrado Talão incompleto	20,8	5,8	3,9	28	19	950	Berma 1
Ombreado	15,6	5,1	3,3	33	21	475	Berma 10
Quebrado s/ talão	12,0	4,2	2,1	35	18	200	AR 79 - 3 S
Redondo	17,0	6,4	2,7	38	16	550	SEb - Caminho 2
Mutilado	9,5	3,7	3,2	39	34	200	NEa - cp 8
Mutilado	10,0	5	2,5	50	25	190	NEa - cp 12
	8,4	5,7	3,5				NEc - 1/13
Mutilado	11,5	7,5	2,5	65	22	380	SEc - cp 6
Mutilado	11,3	5,6	2,9	50	26	330	Berma
Mutilado	10,4	5,4	2,4	52	23	230	Caminho 11
Mutilado	9,9	4,5	2,6	45	26	170	NEb - cp.
	14,0	5,9	1,7	42	12	275	NWa - Dep. Vot.
	20,4	6,3	2,7	31	13	560	NWa - Dep. Vot.
	18,1	5,6	2	31	11	325	NWa - Dep. Vot.
	15,3	4,2	3,1	27	20	325	NWa - Dep. Vot.
	16,9	4,7	4,7	28	28	600	NWa - Dep. Vot.
	18,5	4,1	3,5	22	19	450	NWa - Dep. Vot.
	21,7	3,9	5,3	18	24	800	NWa - Dep. Vot.
	14,1	4,4	3,8	31	27	325	NWa - Dep. Vot.

de anfibolite idênticas às por nós estudadas, das quais se conserva uma no Museu Municipal de Góis. As minas referidas são abertas nos xistos da região os quais lascam por esfolhamento, resultando assim óbvia a utilidade das cunhas para a mineração.

O espólio recuperado *in situ* concentrava-se, na sua maioria, nos sectores virados a nascente¹⁶, sob ou no interior da muralha periférica que selava o monumento, excepto no sector NWa onde foi parcialmente destruída para a construção da sepultura secundária, mantendo-se, no entanto, no local do depósito dos machados e enxós não-polidos. Tal disposição, associada à análise geral que, do monumento, faz o seu escavador, conduz-nos a com ele concordar ao interpretá-la como tratando-se de um conjunto de oferendas feitas, quando da construção do túmulo, ao indivíduo sepultado na câmara central do dólmen¹⁷, o que, de imediato, nos coloca a questão da respectiva posição social.

4. Algumas hipóteses de trabalho

Embora ainda não dispunhamos dos dados completos referentes ao *site catchment*¹⁸ dos Moinhos de Vento, cremos poder avançar já algumas questões relacionadas com a elaboração de um modelo para o sistema sociocultural associado com o monumento em causa.

Não existe localizado, até ao momento, qualquer povoado atribuível ao Calcolítico da região. Os monumentos coevos localizados englobam, nesta altura, além do conjunto dos Moinhos de Vento, as minas da Eira dos Mouros e os Petróglifos da Pedra Letreira, estes a 18 quilómetros do primeiro. Quanto à Pedra Riscada, consideramo-la mais tardia, conquanto talvez inserida dentro de um mesmo contexto de evolução regional¹⁹. A menos que aceitemos a hipótese de ter existido na Lomba do Canho um povoado, anterior ao pré-romano lá detectado e destruído por este, teremos de concluir que, não obstante algumas décadas já de pesquisa na região, nada há ainda que nos aponte para a sua existência real.

Alguns autores têm realçado a provável importância e predominância da componente pastoril no Neo e Calcolítico de largas zonas da península Ibérica²⁰ o que, no caso vertente, nos parece de considerar, tanto mais que a região constitui um dos acessos naturais à serra da Estrela. Convenhamos, porém, que

¹⁶ CASTRO NUNES, J., *op. cit.* (v. nota 11), p. 24.

¹⁷ CASTRO NUNES, J., *op. cit.* (v. nota 11), pp. 20, 36-38.

¹⁸ VITA-FINZI, C.; HIGGS, E. S., *Prehistoric Economy in the Mount Carmel Area of Palestine: site catchment analysis*, "Proc. Prehist. Soc.", 36, 1970, pp. 1-37; JARMAN, M. P., et al., *Site Catchment Analysis in Archaeology*, in UCKO, P. J. et al. (eds.), "Man, Settlement and Urbanism", Duckworth, London, 1972, pp. 61-66.

¹⁹ CASTRO NUNES, J.; PEREIRA, A. N., *op. cit.* (v. nota 8).

²⁰ HIGGS, E. S., *The Prehistory of European Agriculture: The uplands*, "Phil. Trans. Roy. Soc.", 275, 1976, pp. 159-173; CHAPMAN, R. W., *Transhumance and megalithic tombs in Iberia*, "Antiquity", 53, 1979, pp. 150-152.

a provável horticultura praticada nas baixas do Alva ou do Ceira, associada a pastorícia nas encostas e, provavelmente, a caça e recollecção, não nos parece que possibilitassem *de per se* a acumulação de riqueza e a situação de *status* social traduzida nos depósitos votivos associados à tumulação central do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento ²¹.

Cremos que, o que realmente privilegia a região, no período em estudo, é o seu potencial mineiro (ouro e estanho), cuja exploração nos surge culturalmente ligada ao espólio do dólmen por via das cunhas. O controlo de tal fonte de matéria-prima justificaria contactos comerciais e possibilitaria às populações locais o acesso a materiais exóticos e o reforço de *status* do respectivo “chefe”. Já o Prof. Castro Nunes ²² advertira a provável existência de contactos entre a região aqui em estudo e o Sudeste hispânico, ao enquadrar os petróglifos da Pedra Letreira no Calcolítico, estabelecendo a sua ligação com alguns dos materiais do dólmen dos Moinhos de Vento.

Igualmente no sentido da importância da componente comercial no desenvolvimento local, aponta o testemunho de um dos mais perturbadores elementos do espólio do monumento em estudo. Trata-se de uma pequena placa metálica com 7,5 cm por 7 cm (fig. 10), parte de um disco com cerca de 8 cm de diâmetro, decorado com quatro circunferências concêntricas rodeadas de uma faixa de espirais encadeadas, motivo que se tornará vulgar a partir do Bronze Inicial em quase toda a Europa ²³. A placa surgiu no sector SEc, um dos mais ricos em espólio, entre pedras da marulha periférica, o que aparentemente excluiria a possibilidade de uma introdução posterior.

SCHUBART ²⁴ refere-a, atribuindo-lhe proveniência micénica, no contexto das bem conhecidas teorias difusionistas para a origem da metalurgia ibérica, as quais têm sido alvo de crescentes críticas ²⁵. Pelo nosso lado, consideramos a questão longe de estar totalmente esclarecida. Cremos, porém, para tal ser necessário, senão indispensável, uma correcta reavaliação do papel das trocas e contactos comerciais como catalizadores do desenvolvimento socioeconómico. No caso vertente e sem que mais avançássemos, relembraríamos as reflexões de RENFREW ²⁶ a propósito dos dados de Varna:

“... *copper (and gold) in Europe was first produced not for utilitarian objectives, but to fulfil the social function of conspicuous display ...*”

²¹ CASTRO NUNES, J., *op. cit.* (v. nota 11), pp. 16-18, estampas V-VII.

²² CASTRO NUNES, J., *op. cit.* (v. nota 7), pp. 32-35.

²³ COLES, J.; HARDING, A. F., *The Bronze Age in Europe*, Methuen, London, 1979, pp. 1-17.

²⁴ SCHUBART, H., *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, (Madrider Forschungen 9) Walter de Gruyter, Berlin, 1975, pp. 158-159.

²⁵ Cf. RENFREW, C., *Problems in European Prehistory*, Edinburgh University Press, Edinburgh, 1979, pp. 262, 338-376; PINTO, C. V.; PARREIRA, R., *op. cit.* (v. nota 3).

²⁶ RENFREW, C., *op. cit.* (v. nota 25), p. 383.

Esta citação e o modelo proposto para o contexto social da primitiva metalurgia balcânica ²⁷, parecem-nos possibilitar, de certo modo, a compreensão do caso que estudamos. Justificado agora pelo enquadramento do monumento dos Moinhos de Vento no seu ambiente regional de indiscutível riqueza mineira, cujo início de exploração cremos ter sido coeva da respectiva construção, consideramos que o período final da publicação preliminar do monumento estudado se revelou profético e constitui a melhor forma de encerrarmos estas breves notas.

“... o monumento sepulcral considerado [...] apresenta-se-nos em conjunto como uma autêntica necrópole presidida pelo *tumulus* central, em cuja respectiva câmara dolménica repousaria o maioral, passe o termo, do agregado humano, tribal ou familiar ...” ²⁸

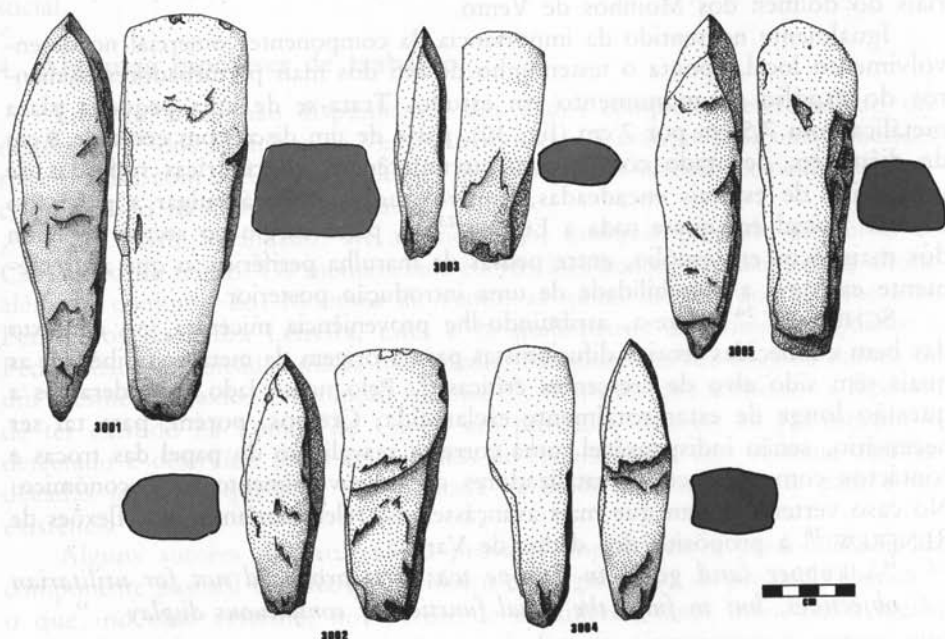


Fig. 4 — Alguns machados do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento.

²⁷ RENFREW, C., *op. cit.* (v. nota 25), pp. 382-383.

²⁸ CASTRO NUNES, J., *op. cit.* (v. nota 11), p. 39.

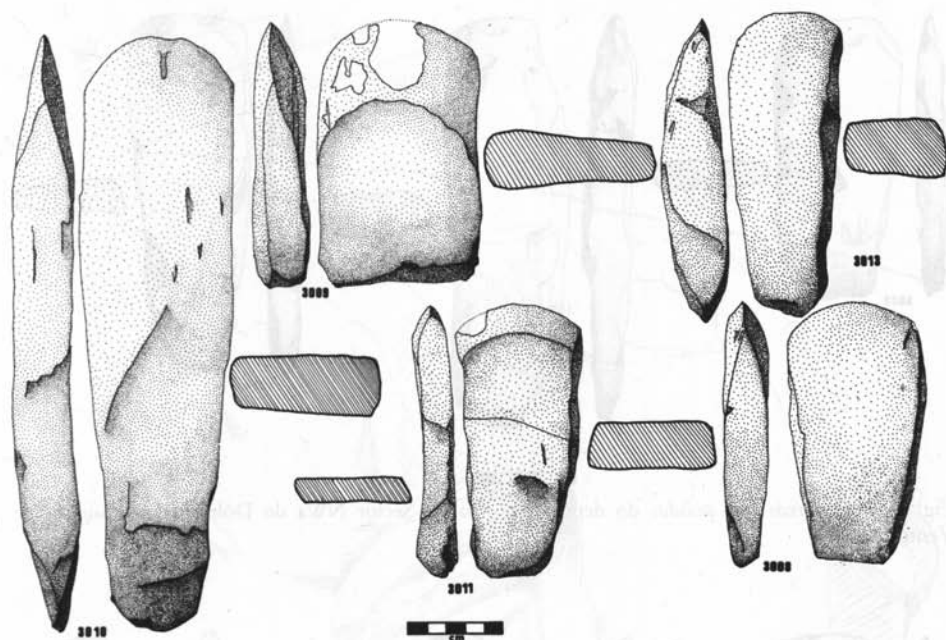


Fig. 5 — Algumas enxós do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento.

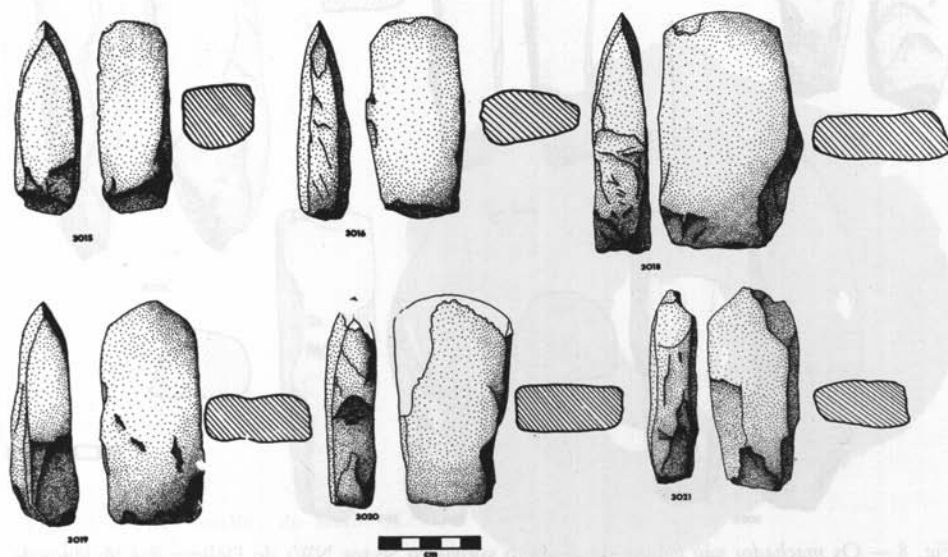


Fig. 6 — As “cunhas” do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento.

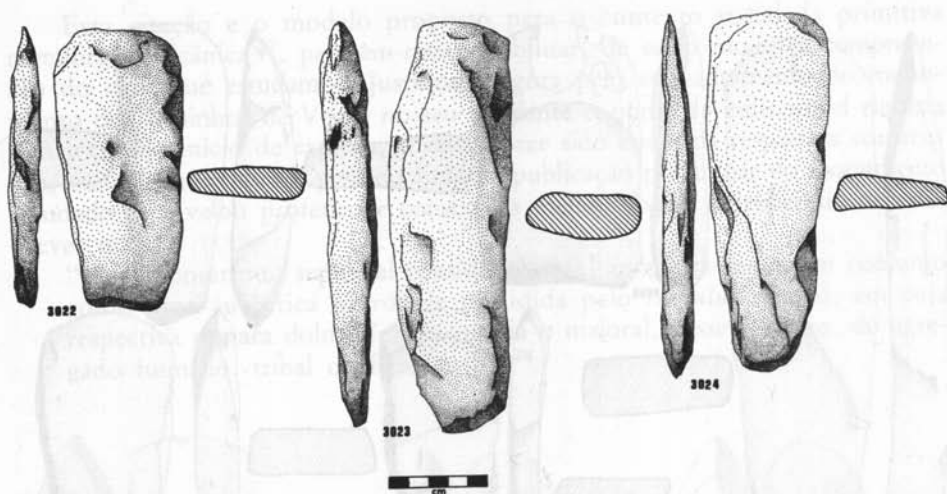


Fig. 7 — As enxós não polidas do depósito votivo do Sector NWa do Dólmen dos Moinhos de Vento.

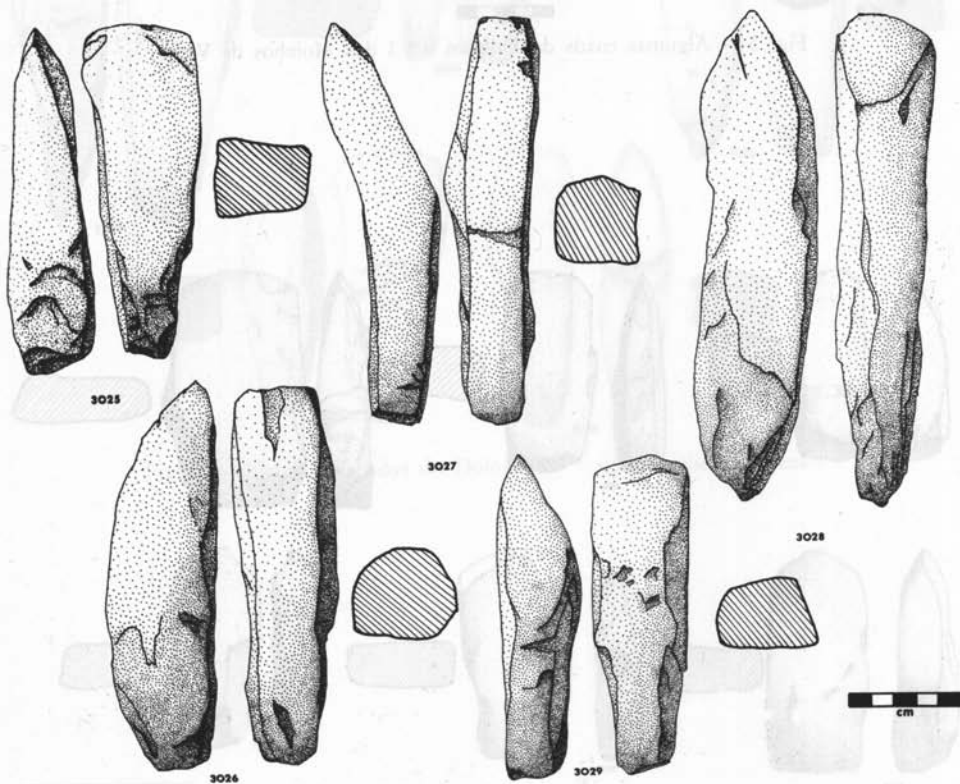


Fig. 8 — Os machados não polidos do depósito votivo do Sector NWa do Dólmen dos Moinhos de Vento.

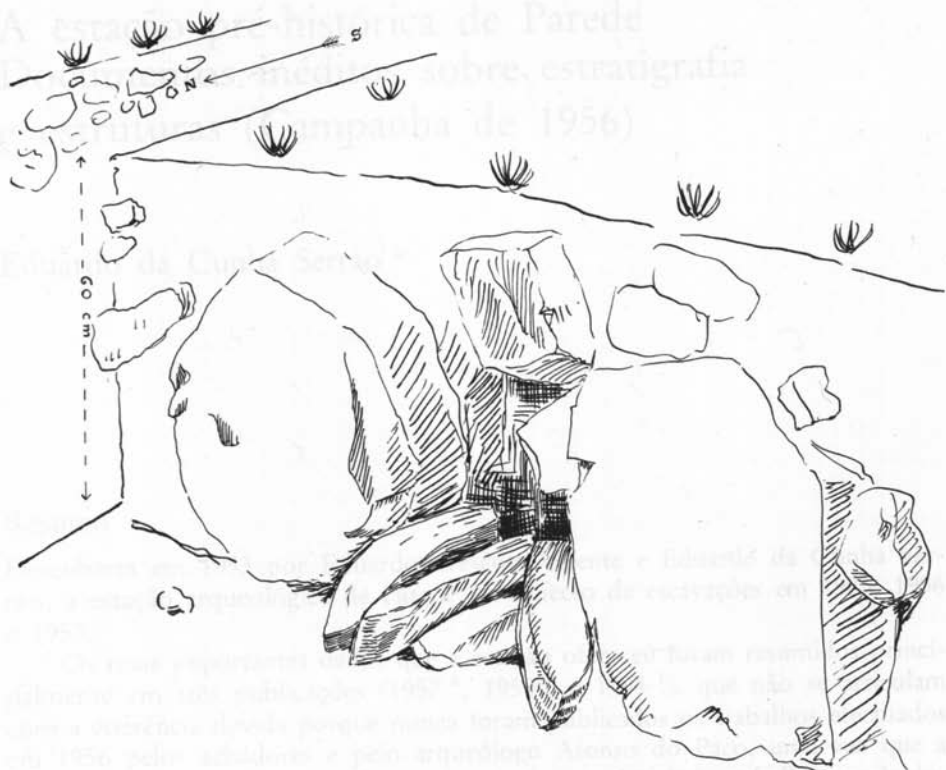


Fig. 9 — Croquis do Pe. Nunes Pereira (1958) aquando da descoberta do depósito votivo referido nas duas figuras anteriores.

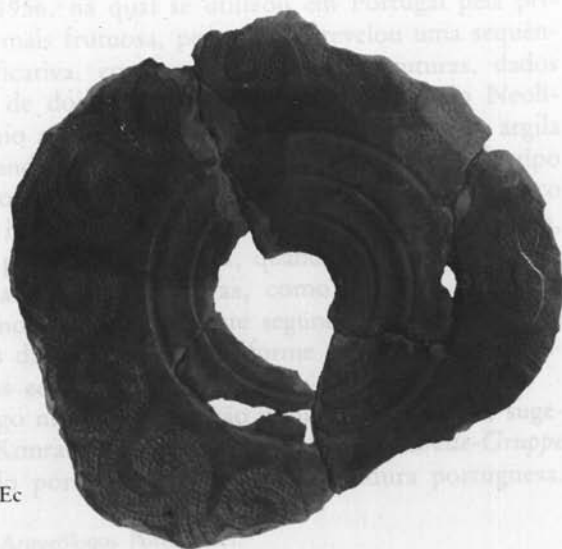


Fig. 10 — Placa metálica do Sector SEc do Dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento. Esc. 1:1.

